

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIAS LITERÁRIAS**

REVISÃO E ANÁLISE DO ROMANCE *ESAÚ E JACÓ*

ALUNO: Genário Viana Filho (06/85038)
Orientador Prof. Dr Alexandre Simões Pilati

**BRASÍLIA
2009**

ALUNO: GENÁRIO VIANA FILHO (06/85038)

REVISÃO E ANÁLISE DO ROMANCE *ESAÚ E JACÓ*

Monografia apresentada ao Instituto de Letras como pré-requisito para aprovação na Disciplina **Monografia em Literatura**.

BRASÍLIA

2009

ALUNO: GENÁRIO VIANA FILHO (06/85038)

REVISÃO E ANÁLISE DO ROMANCE *ESAÚ E JACÓ*

Orientador

Nome: Alexandre Simões Pilati

Data: ____/____/ 2009

De acordo: _____.

BRASÍLIA

2009

Agradeço ao Prof. Dr. Alexandre Simões Pilati pelas orientações que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo rever e analisar a obra ***Esaú e Jacó***, penúltimo dos romances publicados em vida por Joaquim Maria Machado de Assis.

Palavras Chave: Esaú e Jacó; Pedro e Paulo; Machado de Assis; Religião; Política.

ABSTRACT

This paper aims to review and analyze the work of *Esau and Jacob*, the penultimate of the novels published by Joaquim Maria Machado de Assis, during his lifetime.

Keywords: Esau and Jacob; Peter and Paul; Machado de Assis; Religion; Politics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. ASPECTOS DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS	10
3. O ROMANCE ESAÚ E JACÓ.....	17
4. CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo rever e analisar a obra *Esaú e Jacó*, penúltimo dos romances publicados em vida por Joaquim Maria Machado de Assis.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908) é tido como um dos escritores brasileiros sobre quem a epígrafe de gênio está mais bem colocada. Sua obra percorre de crônicas a peças de teatro, passando por romances, poesias, contos e a própria crítica literária. Tudo marcado por características bastante peculiares, em particular a fina ironia e o aprofundamento psicológico que revela aspectos normalmente intocados da alma humana.

O romance *Esaú e Jacó* (1904), em particular, recebeu tratamento pouco benevolente da crítica em geral, que se acostumou a colocá-lo na categoria dos de “menos importância”, principalmente quando comparados a textos como os de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).

A crítica literária atual tende a rever as posições antigas, chegando mesmo a apontar *Esaú e Jacó* como uma das obras machadianas mais bem elaboradas do ponto de vista estético.

Um ponto de análise comumente levantado está relacionado com a questão da narrativa: Afinal, quem faz a narração de *Esaú e Jacó*?

O Conselheiro Aires, introduzido ao leitor no prelúdio como narrador, também é personagem da trama. Não pode haver dúvida de que a figura de Aires é ficcional e materializa uma estratégia de Machado de Assis para o desenvolvimento da história. Mais que isso, o Conselheiro bem pode ser considerado um alter-ego do próprio Machado, de quem o autor se valeria para emitir suas opiniões e posicionamentos.

Também objeto de reflexão crítica tem sido o enquadramento de *Esaú e Jacó* como obra realista, categorização que muitos consideram imprópria, pelo menos se tomado o Realismo espelhamento inequívoco da realidade vivida.

Não é o caso desse romance, que se movimenta pendularmente entre situações verossímeis, plausíveis, e outras completamente artificiais, que se afastam do que poderia ser classificado estritamente dentro do Realismo.

Sobre isso, é verdade que o romance se aproxima do cânon realista quando referencia sua narrativa no momento histórico da transição entre o Império e a República. Aliás, esse conflito (Império X República) pode ter sido representado alegoricamente pelas disputas entre os gêmeos Pedro e Paulo.

O corpo do presente trabalho traz o posicionamento da crítica atual sobre esses e outros temas levantados a partir de *Esaú e Jacó*.

2. ASPECTOS DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Observa-se que “tão genial e suficiente em si mesma é a obra do "bruxo" do Cosme Velho, como era chamado Machado de Assis, que se torna difícil escolher um tema entre os tantos que tratou com maestria em seus inúmeros livros” e verifica-se que “o centenário de sua morte e as comemorações que se fizeram em todo o país motivaram a trazer modestamente o olhar da teologia para falar desse grande escritor que nunca primou por sua prática religiosa e foi bem cético”. E, no entanto, “homem de seu tempo e seu lugar, a presença da religião nunca esteve ausente da obra machadiana, chegando mesmo a ser explicitada em muitas delas”, seja “pela referência a práticas religiosas, seja por impiedosas e lúcidas críticas ao clero, seja pela descrição da fé de seus personagens”. (BINGEMER, 2008).

Assim, “o fato é que Machado traz para o seu universo o componente da religião, que não pode faltar em alguém que, como ele, constrói seus romances a partir de uma análise profunda da alma humana” e “em seus personagens femininos, concretamente falando, pode-se encontrar muito da dimensão da dinâmica da graça¹ e do pecado que formam o tecido mais íntimo da humanidade” e que “se confrontam incessantemente, fazendo vir à tona o drama da vida e as sutilezas dos sentimentos”. Sendo “profundo conhecedor da alma feminina, Machado construirá personagens imortais de mulheres que até hoje são protótipos para se entender essas que formam a metade da humanidade”. Nesse sentido, afirma-se que “para tomar apenas o romance maior, Dom Casmurro, podemos constatar que ali a trama se constrói ao redor de duas mulheres: Capitu e Dona Glória, a mulher e a mãe, a pecadora e a santa, a oblíqua e a honesta” e “à primeira vista, parece muito evidente a dicotomia entre uma e outra, sobretudo para o leitor desavisado, que lê o romance com os olhos do narrador, que é Bentinho”. No entanto, “uma leitura mais crítica vai deixando evidente a complexidade que transita nessas duas mulheres, nas quais Machado descreve toda a complexidade do coração humano”. (BINGEMER, 2008).

Verifica-se que “Dona Glória é uma mulher religiosa, temente a Deus, que faz promessas e frequenta pontualmente todas as cerimônias religiosas que lhe impõe sua condição de católica devota”; já “Capitu é linda e sensual, atraente,

¹ Graça aqui no sentido de favor imerecido recebido de Deus.

sedutora e usa do poder de seus olhos de ressaca para manter a seus pés o homem que deseja e que a deseja com paixão”, de modo que “é uma mulher carnal, explicitada pela corporeidade e pelo desejo e nada mais”. E então, “ao ler Dom Casmurro, parece que a graça está com Dona Glória e o pecado com Capitu”. Entretanto, “Machado tem a maestria de prosseguir a narrativa, deixando o leitor com mais dúvidas do que certezas” e então se pergunta: “Será mesmo santa essa mãe que decidiu a vida do filho à raiz das próprias perdas e frustrações?” e ainda: “Não será a vocação sacerdotal que idealizou para ele, na verdade, uma tremenda auto-projeção, que pretende realizar no filho aquilo que não consegue por si?”. Daí, “o benefício da dúvida permanece até o fim” e “a solidão tremenda e vazia em que Machado deixa seu personagem Bentinho no final do livro dá testemunho dessa perplexidade diante de uma vida que se apresenta desértica porque carente de amor e sentido”. Porém, “o Machado que escreve romance tão inclemente não é descrente do amor”. Nesse sentido, “que o diga o maravilhoso Soneto a Carolina com que homenageia a esposa já falecida, claro testemunho de que, fosse qual fosse sua filiação religiosa, ou a ausência dela, o amor que viveu e vive é mais forte que a morte”. (BINGEMER, 2008).

Observa-se que, historicamente, “na literatura de Machado de Assis, pode-se afirmar, há também uma heresia”. Contudo, “ela é daquelas que podem conduzir a uma ruptura” e “a igreja a que ela dá fundação não é, por certo, a da estrita descrição das ações dos heróis”, sendo que “ela é a que vai da vida do rei à do filho de carpinteiro”. E que “também contesta uma exclusividade”, mas “em um sentido bem específico”, de forma que “a exclusividade que ela suprime não é na economia da leitura, mas na da glória”. Não “porque suprima a glória, e sim porque é a glória do qualquer um”. (CAMPOS, 2009).

Já para Piza (2008):

O centenário de morte de Machado de Assis (1839-1908) poderia ser ótima ocasião para reaproximar ainda mais sua obra de nós, brasileiros ou não, do século XXI, e tirar de uma vez por todas algumas pechas que recaem sobre ele. Para muitos, ainda soa como leitura obrigatória de escola, ou seja, algo geralmente chato que parece pouco nos dizer respeito. Para outros, é apenas um bom “clássico”, escrevendo sobre adultérios – verdadeiros ou apenas supostos – num Rio de Janeiro nada a ver com o atual. E, mesmo para especialistas, é um autor oblíquo como os olhos de Capitu, distanciado do mundo, ou no máximo um analista da classe privilegiada brasileira. Machado é muito mais do que isso! Três coisas sempre me intrigaram nessa noção sobre nosso maior escritor. Primeira, essa de que, sendo um sujeito recluso e doente, ele não tinha um poder de

fogo em sua escrita que raras vezes se viu na literatura brasileira. Machado só foi realmente recluso e doente no final da vida, pois antes disso há muito relatos de como era sociável e ativo, membro de sociedades musicais, literárias e humorísticas, frequentador de óperas, não raro apaixonado por atrizes e sopranos. Era um cronista exigente, a tal ponto que polemizou com o grande Eça de Queirós, e só tinha um fraco, a admiração ingênua por Dom Pedro II – da qual mais tarde faria revisão. De qualquer modo, estamos diante de um indivíduo típico do século XIX que, no entanto, recusou a extrema-unção na hora da morte. E por quê? Porque Machado era crítico ácido das religiões. Se você checar os livros escritos sobre ele, essa característica mal é mencionada ou valorizada. Mas toda sua obra é marcada pela crítica das religiões de todos os tipos, como catolicismo e espiritismo, e inclusive para a religião travestida de ciência ou medicina daquela época. Machado, que tomava muitos remédios para seus problemas de visão e epilepsia, vivia atacando as drogas milagrosas da época, que prometiam curar os males não só do corpo, mas também da alma... Isso é fundamental num livro como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881, e sua combinação inédita de galhofa com melancolia. Acho que apenas Otto Maria Carpeaux notou a descrença de Machado, herdeiro de pensadores como Voltaire e Diderot.

Compreende-se que Machado Assis criou o modelo estrutural da crônica ou, mais propriamente, sua matriz. Nas crônicas machadianas há diálogos, ironia, leitor-narrador, galhofas, humor, que serve para dizer a verdade, abertura para assuntos variados, em que cada parágrafo é uma crônica dentro da crônica. A crônica foi um dos gêneros preferidos de Machado de Assis. Ele as escreveu aproximadamente por 40 anos, dos 16 anos de idade até quatro anos antes de morrer, em 29 de setembro de 1908.

Machado de Assis escreveu seiscentos e quatorze crônicas. Não constam deste montante as crônicas identificadas mais tarde, nem aquelas que figuram nas seções em que se alternavam diferentes colaboradores, sob o pseudônimo comum de Dr. Semana. Seu pensamento o levava ao humor. Os fatos não eram importantes, o que importava era o artifice, tudo sendo motivo para uma crônica. Usando pseudônimos ou assinando como Machado de Assis, concebeu ousadas experiências para a renovação desta arte, descambando muitas vezes vertiginosamente para o humor e o despropósito, estabelecendo flagrantes e curiosíssimas relações de estilo e efeito entre a crônica, o conto e o romance. São exemplos disso: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires*, *Contos Fluminenses* etc.

Assim, verifica-se que sua aguda observação da sociedade de cronista-jornalista está presente na construção de seus textos. Usa exemplos da Bíblia, do cotidiano, da cultura em geral. A polifonia aí se revela sem mascaramentos, e os simulacros, que são imitações de imitações, fazem a coerência do texto, que,

mesmo com tantas vozes, comunica, por meio da ironia, seu discurso ideológico. Outra característica da crônica machadiana é a estreita ligação entre linguagem e sociedade. Mesmo partindo de fatos que, para o leitor desatento, parecem banais, Machado não esconde sua insatisfação com uma sociedade injusta, em que os pobres (“lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada”) sempre são desamparados.

A atualidade de Machado está nas marcas do cotidiano e, inclusive, na frivolidade e efemeridade de assuntos que procura desenvolver. Essa frivolidade não deixa o texto pobre, mas leve, e o escritor usa a condensação através de metáforas e da ironia. As duas vizinhas que aparecem no texto *O nascimento da crônica*, de 1º de novembro de 1877, são as fundadoras do gênero, ao focar sobre as namoradas de um morador. Trata-se da metalinguagem da própria escritura da crônica, que se apoia em banalidades. É pela lógica de suas subjetividades que se constrói a verossimilhança. A ironia é um exemplo do discurso bivocal, o qual se manifesta sempre sob as condições da comunicação dialógica, pois surge das várias interpretações, do diálogo (autor/leitor), da ambiguidade que continua presente nos textos da modernidade e na maioria das crônicas. A linguagem coloquial e a oratória também são marcas da crônica de Machado. O espontâneo traz para o texto uma cumplicidade entre o escritor e o leitor, que usa a fantasia e a notícia ao mesmo tempo, sem maior preocupação com a verossimilhança. Tal confusão, que está presente também na evolução de outros gêneros literários, corresponde ao fenômeno da hibridização, tão comum na crônica.

Observa-se ainda que “o desenvolvimento e o prestígio alcançados pelo método positivista durante o século XIX determinaram uma prática fundada em princípios como o conhecimento neutro e a naturalização dos aspectos sociais”, de forma que “caberia, ainda, ao cientista buscar a verdade apreensível graças a uma abordagem objetiva da realidade”. (DAFLON, 2009). De fato, “a opção pela retórica e a ênfase na formação literária aparecem relacionadas à educação sob orientação religiosa e têm sido situadas como obstáculos ao pensamento científico” E “daí a associação que habitualmente se faz entre a atuação dos Jesuítas e a pouca afinidade com a ciência experimentada por nossos intelectuais” (AZEVEDO, 1996).

Ainda segundo Daflon (2009):

Em meio ao desenvolvimento das ciências no Brasil, ganha especial relevância no contexto oitocentista, o discurso médico. O saber da medicina aparece relacionado à civilização, ao moderno e à tendência cara a correntes do pensamento da época de considerar a sociedade humana a partir de parâmetros biomédicos, o que detém significativas implicações ideológicas. O avanço do método positivista e o espaço que alcançou entre os nossos intelectuais são demonstrativos disso. Ainda nesse sentido, na segunda metade do século XIX, entre os nossos literatos, o naturalismo à Zola expôs o prestígio conferido ao método científico na abordagem da sociedade e do mundo. De modo que abordagens das organizações sociais como corpo e pelo viés do patológico tornaram-se expressivas de medidas também de controle social. Machado de Assis esteve atento, em mais de uma ocasião, aos usos dados ao discurso científico na sociedade brasileira do Oitocentos. Talvez tenha sido, porém, a questão da prática médica o viés pelo qual a obra machadiana mais claramente desenvolveu sua crítica. A problemática que envolvia tanto o diagnóstico quanto o tratamento da loucura foi, nesse sentido, aspecto proveitoso.

Portanto, verifica-se que “no Brasil do século XIX, o processo de modernização foi introduzido pela medicina, representante legítima da razão” e então, “o médico adquiriu, portanto, grande prestígio, que o lançou para fora da esfera específica da ciência natural para incluí-lo no âmbito social e político”. Assim, “a obra machadiana não busca o distanciamento do público leitor e dos veículos que a ele conduzem, mas uma aproximação que permita fazer chegar a quem lê o senso crítico”. Assim, explica-se que “tal constatação leva em direção, como um novo caminho que se abre, ao romance enquanto espaço de reflexão crítica”, sendo que “essa opção de Machado se faz ainda mais evidente pela sua aproximação com o folhetim sem, no entanto, abrandar o valor corrosivo e complexo de seus textos, pelo contrário, a sua tensão com o próprio veículo torna ainda mais densa a sua crítica”. (DAFLON, 2009).

Segundo Mytho (2009):

O capítulo 9 do livro Dom Casmurro de Machado de Assis, conta de forma alegórica (figurada), e quase como uma parábola o drama da criação da humanidade, e os conflitos entre Deus e Satanás. Não é um texto ocultista, mas tem um conteúdo de teor metafísico. Analisando o texto percebemos certo pessimismo do autor. Tudo já foi previamente e meticulosamente planejado sem a possibilidade de quase alteração posterior, e mesmo para retificações. A obra da criação seria apenas um momento de diversão divina, sem nenhum motivo mais especial. Satanás fora expulso da presença do Altíssimo em razão de sua insubordinação, mas que seria passível de compreensão já que ele não havia recibo as devidas honrarias antes da rebelião. Contudo, Satanás na ânsia de querer mostrar que era bom o suficiente no que fazia, conseguiu dissuadir Deus a prolongar aquele entretenimento, e em razão disto teria criado a humanidade. Logo, não haveria nenhum desígnio especial da parte de Deus em relação às suas vãs criaturas que seriam apenas personagens de uma grande peça teatral ou jogo divino. O enredo da história foi elaborado por Deus, mas a trilha

sonora foi composta por Satanás. A história é interessante e envolvente, com bons momentos admitidos por todos. Porém, há algumas discordâncias, a começar pelos admiradores da obra: uns dão mais crédito ao Autor, e outros ao Maestro. Além disso, a história parece ter várias contradições (já que não houve um acordo prévio entre os Produtores da obra). Os que admiram o Autor dizem que todas as contradições, desencontros, e incoerências são por culpa do Maestro, que não sabe escolher as composições mais bem afinadas. E chegam a dizer que o Maestro influenciou alguns personagens para que não atuassem conforme o que fora pré-estabelecido. Por isso, o Maestro deve receber todas as críticas porque corrompeu a obra de propósito. Mas, os fãs do Maestro dizem que tudo seria resolvido se o Autor tivesse ouvido o Maestro. E há alguns que preferem ser imparciais, apesar de também não deixarem de dar suas opiniões. As encenações, ou melhor, o espetáculo, durarão enquanto forem um motivo de entretenimento do Autor e do Maestro. E é provável que ainda o sejam por muito tempo, visto que muitos personagens adoram os seus papéis. Os Produtores deste drama épico, milenar, e às vezes deprimente, recebem as suas honorárias de acordo com a percepção dos expectadores (que às vezes não correspondem à realidade das cenas).

De acordo com Pólvora (2009) “intoxicado pelo pessimismo, leu e hauriu pessimistas ingleses e franceses, Pascal, sobretudo, e não foi por distração (carta a Joaquim Nabuco), deixou-lhe o travo do amargor”. Mas se considera o pessimismo machadiano "mais radical, porquanto, a despeito de apontar a contradição essencial da natureza humana, concepção barroca para a qual o homem é atraído pelos dois infinitos do nada e do absoluto, Pascal ainda alimentava uma grande esperança otimista na vida futura” e “Pascal não acreditava no homem e odiava a vida, porém tinha confiança em Deus” e “ao passo que Machado não confia no homem, não ama a vida, nem espera nenhuma bem-aventurança futura”. Diz-se que “no leito de morte, lúcido, recusa o conforto da religião” e “desde os seus primeiros escritos ficcionais ele demonstra seu desencanto: O que distingue o homem do cão é a faculdade de fazer com que uma noite não se pareça com outra”.

De acordo com a análise de Cecatto (2009):

A religião tinha enorme importância no núcleo das famílias da época. No entanto, é importante apontar que, pertencer à igreja católica era um grande sinal de prestígio perante a sociedade. A promessa para Deus é *uma relação deveras presente em Dom Casmurro*. A primeira promessa de que temos conhecimento, [que] se dá nos primeiros capítulos, é feita por Dona Glória, que pretende tornar o filho padre. Contudo, esta promessa titubeia muitas vezes, pois Dona Glória ainda reluta em deixar seu filho partir. A mãe de Bento promete a Deus que o enviará caso este vivesse, mas busca negociar com Deus as condições para que esta promessa se molde de maneira que ela não macule a fé que possui e possa *ter* o filho para si, numa atitude de possessividade e negociação, e não de doação completa e incondicional, como seria de se esperar de um cristão. Bentinho age de forma semelhante, a diferença é que suas promessas feitas a Deus

são sempre acumuladas, mas nunca cumpridas. No caso dele, há um intento de sempre negociar e de presumir que será perdoado. Quando em situação de aperto, recorre ao divino. Sempre que faz referências a Deus, direta ou indiretamente, Bento o trata como um banqueiro, como advogado, como tabelião, todas estas profissões liberais – já há indícios de um frio Casmurro inculcado no jovem, como a “fruta dentro da casca”; as conversas são transações financeiras e a quantidade de rezas são valores monetários que podem vir a ser cambiados, acumulados e saldados pela misericórdia divina, estabelecendo aí uma relação capitalista com Deus.

Sobrinho (2009) então explica que “isso tudo demonstra que Machado não só era contra a perseguição religiosa em todos os sentidos, mas a qualquer imposição que afetasse a liberdade de expressão e consciência do ser humano” e que “quando Igreja e Estado eram aliados Machado fustigou duas folhas católicas do Rio de Janeiro – A cruz e o cruzeiro do sul – deixou claro que não estava se opondo a Deus, mas a alguns redatores que na visão dele se faziam proprietários de Deus”.

3. O ROMANCE *ESAÚ E JACÓ*

Segundo Lagoeiro (2009) “no seu penúltimo romance, Machado de Assis inventa uma nova forma de narrar” e “apresenta uma alegoria das disputas políticas brasileiras do seu tempo por meio da história de dois gêmeos irreconciliáveis”. Observa também que “Machado de Assis é considerado o maior escritor brasileiro” e que “com o livro *Esaú e Jacó*, o autor atinge o ápice da sua preocupação com climas, ambientes, situações existenciais, sutis e delicadas”, sendo que “esse comportamento se repete na sua obra posterior – *Memorial de Aires*”. Assim como Machado de Assis, “o narrador da história está interessado em investir a fundo o caráter e a psicologia complexa das personagens”.

Ainda segundo Lagoeiro (2009):

A obra de Machado de Assis pode ser dividida em dois momentos distintos: os textos escritos durante sua juventude, que apresentam forte influência do Romantismo, como os romances *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), e *Iaiá Garcia* (1878), e aqueles nos quais o autor mostra um progressivo amadurecimento, até chegar ao Realismo. Desta fase destacam-se os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1889), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

Observa-se, pois, que “os dois últimos romances de Machado de Assis não têm a reputação crítica de suas três obras-primas iniciais do Realismo”. Mas “é neles que predomina com maior ênfase a idéia fixa do autor com o ambiente e sua influência no comportamento das personagens, e com as situações existenciais vividas pelas mesmas”. Compreende-se então que “o enredo de *Esaú e Jacó* está centrado na história dos gêmeos Pedro e Paulo, simetricamente opostos, ou seja, idênticos até mesmo na oposição ferrenha de um para o outro” e que “a discordância entre os dois começa quando ainda estão no útero e se estende pelo resto de suas vidas”. Nesse sentido, adianta-se que “possuem temperamentos opostos: enquanto Pedro é dissimulado e cauteloso, Paulo é arrojado e impetuoso” e “na política encontram oportunidade para dar vazão a suas animosidades: Paulo é republicano e Pedro, monarquista”, sendo que “o primeiro cursa Direito em São Paulo e o segundo, Medicina no Rio de Janeiro”, de forma que “o que os une é o amor extremado pela mãe, Natividade”. E “o que os separa é a paixão por Flora, a

inexplicável, segundo o Conselheiro Aires, que se junta a Natividade num esforço de aproximar os rapazes”. (LAGOEIRO, 2009).

Lagoeiro (2009) então afirma que:

Com a morte de Flora, os dois irmãos parecem rumar para a reconciliação, que, no entanto, é logo frustrada. Nem mesmo o último pedido da mãe, feito no leito de morte – ela pede aos dois irmãos que sejam amigos –, consegue uni-los por muito tempo. Ao final do romance, Aires constata que os gêmeos sempre foram inimigos e que, ao que parece, sempre o serão. Em certo momento da narrativa, o Conselheiro afirma que as razões para tantas brigas não são conhecidas: "Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito. Quanto a outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito, e não a sabendo, porque a providência a esconde da notícia humana."

Observa-se que “na Bíblia, narra-se que Rebeca, ao sentir que os filhos brigam em seu útero, pergunta a Deus qual seria a causa e Ele responde: "Duas nações há no teu ventre"”. E “essa é a causa a que se refere o Conselheiro Aires, e que pode ser também a causa alegórica da luta constante de Pedro e Paulo”. Diz-se que “as duas nações seria o próprio Brasil, dividido, na época, entre a monarquia e a república e, até hoje entre o progresso e o conservadorismo, entre a sofisticação e a miséria”, sendo que “a própria figura de Flora, indecisa entre os dois irmãos, também já foi identificada como uma representação alegórica da nação brasileira inexplicável” e que “seu pai, Batista, é o típico político fisiológico, sempre assumindo a opinião dos que estão no poder e mudando de partido como quem troca de camisa, sem ter nenhuma convicção política ou ideológica”. (LAGOEIRO, 2009).

No entanto, afirma o autor que “Machado de Assis, nós dá outra explicação, psicológica e não alegórica, para as constantes disputas fraternas” e então “os irmãos, ao travarem seu primeiro combate entre si, recebem doces e beijos ou um passeio com a mãe ao se reconciliarem”, sendo que “o narrador conclui o episódio com a seguinte constatação”:

"De noite, na alcova, cada um deles concluiu para si que devia os obséquios daquela tarde, o doce, os beijos e o carro, à briga que tiveram, e que outra briga podia render tanto ou mais. Sem palavras, como um romance ao piano, resolveram ir a cara um do outro, na primeira ocasião. Isto que devia ser um laço, armado à ternura da mãe, trouxe ao coração de ambos uma sensação particular, que não era só consolo e desforra do soco recebido naquele dia, mas também satisfação de um desejo íntimo, profundo, necessário."

Assim, “as implicações freudianas são claras: o Complexo de Édipo, revelado na adoração da mãe, faz com que se lancem um contra o outro” e “é bom lembrar que Machado de Assis escrevia antes mesmo de o termo ser inventado”, de modo que “o mesmo Complexo definido pelo psiquiatra austríaco Sigmund Freud, pode explicar o fato de ambos se apaixonarem pela mesma mulher”. (LAGOEIRO, 2009).

Observa-se ainda que:

As experimentações com o foco narrativo marcam a fase realista de Machado de Assis. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ele apresenta um "defunto-autor". Esse aparente absurdo confere ao livro um realismo nunca antes visto na literatura brasileira. É exatamente por estar morto que o autor-narrador pode contar, com um realismo cruel, as perversidades, covardias e ao anti-heroísmo que compõe tanto a sua personalidade quanto a dos que a rodeiam. Em *Dom Casmurro*, é a escolha do foco narrativo, centrado no pouco confiável Bentinho – péssimo observador das sutilezas psicológicas –, que cria a famosa dúvida acerca da traição de Capitu. A forma de Machado de Assis narrar a história neste romance não é menos inovadora ou complexa. O autor hipotético da narrativa é o Conselheiro Aires, embora ele se apresente na terceira pessoa. É como observador que o narrador de Esaú e Jacó descreve o Conselheiro, mas, em muitos momentos, deixa transparecer suas opiniões, utilizando-se da primeira pessoa: "Não me peças as causas de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, laçao e librê. Há contradições explicáveis, Um bom autor, que inventasse a sua história, ou prezasse a lógica aparente dos acontecimentos, levaria o casal Santos a pé ou em caleça de praça ou de aluguel; mas eu, amigo, eu sei como as coisas se passaram, e refiro-as tais quais. Quando muito, explico-as, com a condição de que tal costume não pegue. Explicações comem tempo e papel. Demoram a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com atenção." (LAGOEIRO, 2009).

Desta forma:

A arrogância e a impaciência do narrador, que tanto lembram a postura de Brás Cubas, nas suas *Memórias Póstumas*, em muito se afastam da atitude sempre tão contida e conciliadora do Conselheiro Aires. O narrador chega a descrever Aires de uma forma um tanto quanto desdenhosa, ao se referir às suas posições, sempre dúbias. "Aires não pensava nada, mas percebeu que os outros pensavam alguma coisa, e fez um gesto de dois sexos. Como insistissem, não escolheu nenhuma das duas opiniões, achou outra, média, que contentou a ambos os lados, coisa rara em opiniões médias. Sabem que o destino delas é serem desdenhadas. Mas este Aires – José Marcondes da Costa Aires – tinha que nas controvérsias uma opinião dúbia ou média pode trazer a oportunidade de uma pílula, e compunha as suas de tal jeito que o enfermo, se não sarava, não morria, e é o mais que fazem as pílulas." O Conselheiro Aires é o retrato como um homem que sempre concorda com a opinião alheia, mesmo que seja contraditório o que assume em conversa com Flora. Lembra, assim, outro Conselheiro famoso da literatura luso-brasileira, o Acácio, do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Os dois conselheiros comportam-se de maneira artificial e estudada. Procuram passar a imagem da perfeita

correção e querem agradar a todo custo, fazendo com que seus interlocutores ouçam sempre o que o que querem e o que pensam. (LAGOEIRO, 2009).

Assim, afirma Lagoeiro (2009) que “se Eça de Queirós descreve seu Conselheiro Acácio como uma figura subserviente e empostada, o narrador de Esaú e Jacó esforça-se por desculpar a figura excessivamente diplomática de Aires” e “logo após mostrar que o Conselheiro tinha sempre nas controvérsias uma opinião dúbia ou média, o narrador, prevendo o desdém do leitor, pede que este não lhe leve a mal por isso, recomendando, ainda que não cuide que não era sincero, era-o”. E complementa: “tinha o coração a aceitar tudo, não por inclinação á harmonia, senão por tédio à controvérsia”, sendo que “em muitos momentos o narrador identifica-se plenamente com o hipotético autor do livro”: “Esse Aires que aí aparece ainda conserva agora alguma das virtudes daquele tempo, e quase nenhum vício. Não atribua tal estado a qualquer propósito, nem creia que vá nisto um pouco de homenagem à modéstia da pessoa, não, senhor, é verdade pura e natural efeito”. Em outras passagens, “o narrador comunga do espírito comedido de Aires: não exagero; também não quero mal a esta senhora, e se levarmos em conta que Aires tivera sua “queda” por Natividade, a quem a frase se aplica, a correspondência entre narrador e pseudo-autor fica ainda mais evidente”.

Lagoeiro (2009) afirma também que:

O crítico Ivan Teixeira, no livro Apresentação de Machado de Assis, resume bem a ambigüidade narrativa de Esaú e Jacó: “A invenção do pseudo-autor Aires (...) acabou gerando uma nova dimensão de foco narrativo: nem primeira, nem terceira pessoa, mas uma coisa diferente, em que um autor imaginário trata-se a si mesmo como um ele, uma terceira pessoa, a cuja visão de mundo submete, no entanto, toda a outra matéria narrada no romance”. Ao escrever Quincas Borba, em 1891, Machado de Assis reutilizou um personagem de sua obra anterior, Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881): O falecido filósofo enlouquecido Quincas Borba. Assim, os romances interligam-se não exatamente por meio do personagem, mas pela teoria do humanismo que o filósofo transmite a Rubião, o protagonista. Também Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908) se encontram interligados. O que une os romances Esaú e Jacó e Memorial de Aires é a figura sábia e diplomática do Conselheiro José da Costa Marcondes Aires, fino observador das sutilezas da psicologia humana. Na “advertência” de Esaú e Jacó lemos: “Quando o Conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão, cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: Ultimo. A razão dessa designação especial não se compreendeu então nem depois. (...) era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e, por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a

narrativa estranha á matéria dos seis cadernos (...) Nos lazeres do ofício, [Aires] escreveu o Memorial, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis. Tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir. Ab ovo, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de lhes dar estes dois nomes que o próprio Aires criou uma vez: Esaú e Jacó" Os primeiros seis cadernos trazem a matéria ficcional que daria origem ao romance de 1908, Memorial de Aires. Em vários momentos da narrativa de Esaú e Jacó nos deparamos com o Conselheiro Aires escrevendo seu Memorial. Algumas das palavras que registra os acontecimentos ou suas reflexões são produzidas pelo narrador.

Assim, segundo Lagoeiro (2009) “como em Memórias Póstumas de Brás Cubas, o narrador de Esaú e Jacó trava um diálogo tenso e constante com o leitor”, de forma que “esse leitor incluso na narrativa é apresentado em geral como uma mulher - é bom lembrar que as mulheres formavam a maioria do público leitor de romances na época - que lê de modo impaciente e fútil”. Observa-se que “o capítulo XXVII - "De uma reflexão intempestiva" é todo dedicado a esse diálogo” e então “o narrador flagra a reflexão de uma leitora hipotética sobre o que escrevera no capítulo anterior”: "Mas se duas velhas gravuras os levam a murro e sangue, contentar-se-ão eles com a sua esposa? Não quererão a única e mesma mulher?". Assim, “ao responder, o narrador imagina as restrições da leitora vulgar, impregnada do romantismo mais banal, a sua obra”:

O que a senhora deseja, amiga minha, é chegar já ao capítulo do amor ou dos amores, que é o seu interesse particular nos livros. Daí a habilidade da pergunta, como se dissesse: "Olhe que o senhor ainda não nos mostrou a dama ou damas que têm de ser amadas ou pleiteadas por esses dois jovens inimigos. Já estou cansada de saber que os rapazes não se dão ou se dão mal; é a segunda ou terceira vez que assisto às blandícias da mãe ou aos seus ralhos amigos. Vamos depressa ao amor, às duas, se não é uma só pessoa..." Francamente, eu não gosto de gente que venha adivinhando e compondo um livro que está sendo escrito com método. A insistência da leitora em falar de uma só mulher chega a ser impertinente. Suponha que eles deveras gostem de uma só pessoa; não parecerá que eu conto o que a leitora me lembrou, quando a verdade é que eu apenas escrevo o que sucedeu e pode ser confirmado por dezenas de testemunhas? Não, senhora minha, não pus a pena na mão à espreita do que me viessem sugerindo. Se quer compor o livro, aqui tem a pena, aqui tem o papel, aqui tem um admirador; mas, se quer ler somente, deixe-se estar quieta, vá de linha em linha; dou-lhe que boceje entre dois capítulos, mas espere o resto, tenha confiança no relator dessas aventuras. A atitude do narrador não é só digressiva - afastando-se por uns instantes da linha narrativa básica -, mas também metalingüística, pois, por meio da interrupção da leitora, acaba por comentar seu método compositivo. Mas a "leitora" de fato, antecipou um aspecto importante da narrativa, que ainda estava por se desenrolar, o que demonstra que não era tão fútil assim. O narrador irrita-se com a "reflexão intempestiva" da leitora, mas essa digressão é usada com maestria por Machado de Assis para já se

desculpar pelo lance melodramático que irá se seguir: Pedro e Paulo ficarão mesmo apaixonados pela mesma mulher. Basta lembrar o romance *Irmãos Corsos* (1841), do romancista francês Alexandre Dumas, para verificar que não se trata de entretido muito original. (LAGOIRO, 2009).

E ainda observa Lagoiro (2009):

Em seu ensaio *Os Bestializados - o Rio de Janeiro e a República que não foi*, o historiador José Murilo de Carvalho remete a uma afirmação de Aristides Lobo (1838-1896) - um dos chefes republicanos do levante de 15 de novembro de 1889 - que lamentava o fato de a população do Rio de Janeiro ter assistido à Proclamação da República "bestializada", ou seja, sem nada entender, colocada à margem do movimento. Em *Esau e Jacó*, Machado de Assis revela uma fina percepção do fenômeno, na época de seu desenrolar. No capítulo LX - "Manhã de 15", narra o passeio de Aires por uma cidade convulsa e atordoada, em que ninguém sabe ao certo o que estava acontecendo: "Notou que a pouca gente que havia ali não estava sentada, como de costume, olhando à toa, lendo gazetas ou cochilando a vigília de uma noite sem cama. Estava de pé, falando entre si, e a outra que entrava ia pegando na conversação sem conhecer os interlocutores; assim lhe pareceu, ao menos. Ouviram umas palavras soltas, Deodoro, batalhões, campos, ministérios, etc.(...) Quando Aires saiu do passeio público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o Largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas". Apesar de "suspeitar alguma coisa", depois de ouvir relatos exagerados e desencontrados de seu criado José e do cocheiro do tálburi que o levou para casa, Aires não acreditou na mudança de regime (...). Também bestializado, como o resto da população, menospreza a situação: "Reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a simples mudança de pessoal - Temos gabinete novo, disse consigo." Almoçou tranqüilo, lendo Xenofonte: "Considerava eu um dia quantas repúblicas têm sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos; e de quantos sobem ao poder, uns são depressa derribados, outros, se duram, são admirados por hábeis e felizes..." Segue-se um dos momentos mais curiosos de toda a obra de Machado de Assis: a cena da "tabuleta". O almoço de Aires é interrompido por Custódio, dono da confeitaria em frente à sua casa. Quer consultá-lo sobre a tabuleta nova que mandara pintar para seu estabelecimento, a "Confeitaria do Império". É Custódio quem informa Aires sobre a Proclamação da República. Teme que sua confeitaria seja apedrejada. Aires sugere mudar o nome para "Confeitaria da República", mas o confeito adverte para o fato de que a situação pode mudar. Aires sugere "Confeitaria do Governo", mas Custódio lembra que todo governo tem oposição... E assim sucedem-se as objeções do confeito, preocupado em agradar a todos, até que o conselheiro "disse-lhe então que o melhor seria pagar a despesa feita e não por nada, a não ser que preferisse o seu próprio nome: 'Confeitaria do Custódio'. Muita gente certamente lhe não conhecia a casa por outra designação. Um nome, o próprio nome do dono, não tinha significação política ou figuração histórica, ódio nem amor, nada que chamasse atenção dos dois regimes, e conseqüentemente que pusessem em perigo os seus pastéis de Santa Clara, menos ainda a vida do proprietário e dos empregados. Porque que é que não adotava esse alvitre? Gastava alguma coisa com a troca de uma palavra por outra - Custódio em vez de Império - mas as revoluções trazem sempre despesas. Essa cena comprova o que Aires iria escrever em seu

Memorial: "Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular". Nos dois últimos romances de Machado de Assis essa preocupação com as relações aparecem ligadas a fatos históricos importantes do momento narrado. Em Memorial de Aires, cuja narrativa abrange os anos de 1888 e 1889, Machado de Assis - mestiço e discretamente abolicionista - registra com simpatia, sempre por meio das palavras atenuadas de Aires, o momento em que a abolição da escravatura é concretizada. Já em Esaú e Jacó, a emancipação dos escravos é o único tema capaz de unir a opinião dos dois irmãos. Mesmo que por razões diferentes, em 1888, ambos a comemoram. (LAGOEIRO, 2009).

Dessa forma, “nascido no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, filho de mulato em uma sociedade escravocrata, paupérrimo, sofrendo de gagueira e epilepsia, nada indicaria que Joaquim Maria Machado de Assis teria”, ao morrer em 1908, “um enterro de estadista, seguido por milhares de admiradores pelas ruas da cidade em que nasceu, viveu e morreu”. Era “autodidata, e aos 15 anos começa a trabalhar em tipografias, onde conhece escritores importantes, como Manoel Antônio de Almeida”, sendo que, “em 1855, inicia sua carreira literária com a publicação de um poema na revista Marmota Fluminense”. E então, “consegue, em seguida, um emprego na Secretaria da Fazenda, trabalhando a vida toda na burocracia, na qual vai galgando posições até ser ministro substituto”. Mas “a carreira burocrática é apenas uma maneira de ganhar sustento, ainda que humilde, que lhe possibilita escrever”. Assim, “contribuiu com diversos jornais e revistas e, com a publicação de seus livros de poesia, contos e romances, só vai ganhando notoriedade e respeito”. Em 1869, “casa-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, enfrentando forte preconceito racial da família da noiva” e “em 1876, antes mesmo de publicar a parcela mais significativa de sua obra, já é considerado, ao lado de José de Alencar, um dos maiores escritores brasileiros. Em 1881, inicia a publicação de seus romances realistas”. Mais tarde, “em 1896, é um dos principais responsáveis pela fundação da Academia Brasileira de Letras, do qual é eleito presidente vitalício”. “Em 1904, morre Carolina” e “quatro anos depois, Machado de Assis, consagrado como o maior escritor brasileiro, é enterrado com pompa no Rio de Janeiro”, de forma que “o mulato paupérrimo do Morro do Livramento tornara-se um dos homens mais respeitados do país”. (LAGOEIRO, 2009).

Observa-se ainda que “Machado de Assis iniciou sua carreira literária como poeta” e que “seu livro de estréia é *Crisálidas* (1864), que lhe conferiu imediata notoriedade” e que, “embora sua poesia esteja muito aquém da prosa que o

imortalizou, nunca deixou de escrever poemas”. Verifica-se ainda que “Machado de Assis contribuiu durante toda a sua carreira com textos breves para jornais, em que comenta os mais variados assuntos da vida do Rio de Janeiro e do país”. Esses “textos leves, de temática cotidiana, podem ser considerados os precursores da crônica moderna, em que haveriam de se destacar, no século seguinte, escritores como Rubem Braga, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade”. Dessa forma, “também para os jornais Machado de Assis escreveu durante toda a vida textos críticos” e “sua produção infindável envolve ensaios teóricos como O Passado, O Presente e o Futuro da Nossa Literatura - Instinto de Nacionalidade (1873), diversas resenhas críticas importantes, como aquela para o livro O Primo Basílio, de Eça de Queirós (1878), e inúmeras críticas de teatro”. (LAGOEIRO, 2009).

Finaliza, pois, o autor em sua explicação:

Muitas das centenas de contos que Machado de Assis escreveu ao longo da vida perderam-se com o desaparecimento dos números dos jornais em que foram publicados. Outros estão apenas agora sendo republicados em livros. Sua versatilidade como contista é grande. Escreveu tanto para os jornais mais sentimentalóides quanto para publicações seriíssimas. A qualidade dos contos varia de acordo com a publicação e o público leitor a que se destinavam. Entre as coletâneas de contos que publicou, destacam-se "Papéis Avulsos" (1882), com o grande conto ou novela, "O Alienista", "Teoria do Medalhão" e "O Espelho" e "Várias Histórias" (1896), em que se encontram, entre outras obras-primas da concisão e do impacto narrativo, "Causa Secreta", "A Cartomante" e "Um Homem Célebre". Entre 1872 e 1878, Machado de Assis começa a publicar romances. Ainda muito influenciado pelo amigo e mestre José de Alencar, publica, com regularidade, um romance a cada dois anos. Em Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia, temos um Machado ainda romântico, mas antecipando alguns temas e procedimentos de suas obras-primas realistas e, principalmente, conquistando um público leitor que já receberia sua revolução realista com boa vontade. Mas a fase mais importante da carreira de Machado de Assis concentra-se na trilogia de romances realistas publicados no final do século: Memórias Póstumas de Brás Cubas, lançado em 1881, Quincas Borba, em 1891, e Dom Casmurro, editado em 1899. Esaú e Jacó e Memorial de Aires têm o mesmo narrador-personagem: o Conselheiro Aires, que pouco age e passa a maior parte da narrativa contemplando placidamente as aventuras amorosas e existenciais dos jovens ao seu redor, sendo que em Memorial de Aires, Machado de Assis investiga a velhice e faz um elogio das relações conjugais com extrema simplicidade e estilo depurado. (LAGOEIRO, 2009).

Biograficamente, faz-se muito interessante abordar o relato histórico que traz Alberto (2009), segundo quem “Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro – o grande cenário – falece em 29 de setembro de 1908”. Era “bisneto de escravos libertos, filho de um pintor mulato e de uma

portuguesa dos Açores, agregados numa chácara no morro do Livramento, na zona portuária carioca”. Machado “perdeu a mãe aos dez anos de idade e o pai casou-se pela segunda vez com uma mulher negra”, sendo que essa “madrasta ensina-lhe as primeiras letras e todo o resto pelos livros que, aliás, também lhe ensinaram vários idiomas”. Assim, “rei absoluto dos vestibulares, Machado de Assis provavelmente nunca teve educação formal”, era “tímido, doente, míope, asmático, epilético, estéril, gago, mulato; na velhice, uma úlcera na língua o impedia de alimentar-se”. Acabou por tornar-se um “homem cético, reservado e discreto”.

Prossegue, pois, Alberto (2009):

Aos 15 anos, fora do ambiente de origem, começou, através do livreiro e editor Paula Brito, também afrodescendente, a conviver com as letras. Em 1856 consegue uma vaga de tipógrafo na Imprensa Nacional, então dirigida pelo escritor Manuel Antônio de Almeida. Não realizou estudos regulares. Foi um homem disciplinado. Um autodidata. Pesquisas recentes dão conta das primeiras publicações a partir de 1854. Sua estréia acontece com o título singelo de “Soneto”, em 1854, num tablóide obscuro, Periódico dos Pobres. Em 1855, publicou os poemas românticos “Ela”, “A Palmeira”, “Um anjo” e, finalmente, o primeiro livro em 1864 — CRISÁLIDAS (poemas). Considerado por muitos o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Machado de Assis teve uma existência bastante conturbada. Trabalhou como tipógrafo e revisor, tornando-se mais tarde intenso colaborador na imprensa da época. Casou-se em 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais, companheira que muito o ajudou na carreira literária: “Carolina, tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu?”. Em 1904 morre a grande companheira, amiga, mulher, enfermeira. Machado dedica-lhe o soneto: A CAROLINA. O escritor alcançou um grau tão elevado na arte de escrever que sua obra não cabe na classificação de uma escola ou no estreito compartimento de um gênero. Ela é universal. Não há quem o leia sem considerá-lo um mestre. Machado de Assis conhecia a função de escrever. A palavra e a linguagem foram a essência de sua vida. Foi escritor, tradutor, jornalista e funcionário público. Nome de prestígio social e de respeito conquistado a duras penas. Foi o principal fundador da Academia Brasileira de Letras, chamada “Casa de Machado de Assis”. Nos últimos trinta anos, sua obra tem sido lida e estudada em outros idiomas. É citado como um dos maiores escritores do Ocidente e o gênio afrodescendente do Planeta pelo crítico e Professor Harold Bloom na obra GÊNIO: os 100 autores mais criativos da história da literatura. As homenagens não pararam até hoje.

Dessa forma, verifica-se ainda que “Machado de Assis não se prende aos postulados estéticos do Realismo” e que “com independência, ironiza tanto a ciência quanto a religião”, de modo que “a sua contribuição possibilitou acréscimos aos postulados realistas, abrindo caminhos que descortinaram a nossa literatura para um salto qualitativo que marca a maturidade das nossas letras”. Assim, “realista não ortodoxo, avesso a todos os modismos, o escritor inaugura procedimentos literários

cujos desdobramentos ainda hoje podemos perceber”, de forma que “dono de um estilo clássico, substantivo, humor sutil e permanente; elegante, conciso; olhar mordaz sobre a classe dominante brasileira; seu estilo é marcado pela correção e clareza; é agilizado por uma constante preocupação experimental” e “desconcerta o leitor, em conversas nas quais muitas vezes ironiza suas expectativas, por exemplo, no caso das leitoras românticas”. E, assim, ele “explora a possibilidade de múltiplas interpretações, e, ainda, a ambigüidade como um recurso recorrente”. Portanto, “pessimista, irônico e psicológico; descrente em relação ao mundo e aos homens, Machado fez da literatura um espaço de liberdade e criação”, ocupando-se “principalmente das classes alta e média urbanas, mais precisa e especialmente do Rio de Janeiro, penetrando-lhes a consciência, sondando-lhes o mundo interior, analisando-as pelo avesso e expondo a complexidade e as contradições da personalidade humana”. (ALBERTO, 2009).

Alberto (2009) classifica a obra de Machado da seguinte forma:

a) A Poesia: Crisálidas, Falenas e Americanas (marcas românticas) e Ocidentais (poemas de tonalidade parnasiana).

b) O teatro: A queda que as mulheres têm para os Tolos, Desencantos, Quase Ministro, Protocolo, Os Deuses de Casaca, Tu, só Tu, Puro Amor. São peças frágeis. Segundo os críticos, são melhores quando lidas do que quando encenadas.

c) A crônica: Jornais como Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro e Gazeta de Notícias. Aborda do corriqueiro ao sublime, do cotidiano ao clássico, que revelam o escritor para o “divertissement” e, ainda, um crítico implacável contra o regime escravista.

d) A crítica: Revela honestidade, senso estético, além de fina capacidade analítica e independência intelectual.

e) O romance: - 1ª FASE (Romances convencionais) e 2ª FASE.

Explica então o autor que “Esaú e Jacó e Memorial de Aires (1908) são os dois últimos romances de Machado de Assis e apresentam uma personagem comum: o conselheiro Aires, velho diplomata aposentado” e que “segundo a Advertência colocada na abertura de Esaú e Jacó, foram encontrados sete cadernos manuscritos entre os papéis do conselheiro após o seu falecimento”, de forma que “os seis primeiros correspondiam ao Memorial que o conselheiro Aires vinha escrevendo e o sétimo continha o texto de Esaú e Jacó, que se destinou à publicação em primeiro lugar”. Assim, avalia-se que “Esaú e Jacó é um romance

complexo, aberto a múltiplas interpretações” e “é o romance machadiano que melhor documenta a época em que se passa a ação, apresentando pormenores do cotidiano afetado pela proclamação da República – fato que levou muita gente a considerá-lo um romance histórico”. Observa-se que “quando cronista da vida parlamentar, Machado de Assis sempre mostrava que os liberais e os conservadores usavam esses rótulos de acordo com suas conveniências, e que a diferença era estar ou não no poder”, de modo que “toda a ficção do autor envolve isso também, mas, principalmente, em Esaú e Jacó”. (ALBERTO, 2009).

Observa-se então que “o título desse romance remete o leitor às personagens bíblicas do Gênesis, Esaú e Jacó, filhos gêmeos de Isaque e Rebeca, que foram inimigos desde o ventre materno. Esaú, que tinha nascido primeiro, vende seus direitos de primogênito a Jacó, em troca de um prato de lentilhas” e “Rebeca privilegia o filho Jacó, em detrimento do outro filho, Esaú, fazendo-os inimigos”, de modo que “a inimizade dos gêmeos Pedro e Paulo não tem causa explícita. Daí a sugestão de que o romance seja denominado “ab ovo”, isso é, desde o ovo, desde a origem, desde o começo”. (ALBERTO, 2009).

Assim, explica ainda o autor:

Pedro e Paulo, os protagonistas, são gêmeos univitelinos, “tão iguais, que antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado”. Como o título sugere, eles também são inimigos. A mãe deles, que tem o sugestivo nome de Natividade, engravidara, acidentalmente, com cerca de 30 anos e teve uma gestação difícil. Ambos debatiam-se em seu ventre como se lutassem já antes de nascer. Disputavam tudo: a mãe, olhares, brinquedos. Na adolescência, revelaram ter pendores políticos diferentes: um era republicano, outro monarquista. Disputaram também o amor da menina Flora, que faleceu ainda adolescente. Crescidos, formaram-se: um tornou-se advogado, outro, médico. Elegeram-se deputados por partidos diferentes e passaram a brigar na câmara. A única trégua que se concederam foi por ocasião do falecimento da mãe, que os fez jurar no seu leito de morte que seriam amigos para sempre. Não tardou, porém, que o enfrentamento cotidiano os arremessasse noutras discórdias e assim eles terminam: inimigos para sempre. (ALBERTO, 2009).

Desse modo, “Machado de Assis talvez tenha desejado ironizar a teoria determinista de Taine, concebendo personagens com a mesma herança genética, vivendo no mesmo meio e no mesmo momento histórico, mas com personalidades diferentes, contrariando o Determinismo”. Sem dúvida “o romance manifesta o olhar político do escritor quando da passagem da Monarquia para a República” e, também por isso, “é o romance da ambiguidade, narrado em terceira pessoa, pelo

Conselheiro Aires, sendo Pedro e Paulo os dois lados da verdade”. (ALBERTO, 2009).

Portanto, observa-se ainda que “a passagem da Monarquia para a República é motivo de alegoria irônica de Machado em Esaú e Jacó, quinze anos mais tarde, nos conhecidos capítulos das tabuletas – de novo, como que um conto inserido na estrutura do romance”. Prossegue Alberto (2009):

No capítulo 49, “Tabuleta Velha”, o conselheiro Aires acorda no dia seguinte ao Baile da Ilha Fiscal, depois de dormir até as onze da manhã, e à tarde vai passear na rua do Ouvidor. No capítulo 63, “Tabuleta Nova”, Custódio enfrenta um dilema com a tabuleta da sua confeitaria: decide por chamar “Confeitaria do Custódio” que o deixaria livre de significados políticos. Mesmo assim, Custódio novamente seria obrigado a fazer uma despesa, o que era seu desespero. O cidadão estava sob a custódia das indefinições. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance. No dia 15 de novembro, Aires, também assediado por três tálburis, tomou o que mais lhe ficava à mão e rumou para o Catete. “Não perguntou nada ao cocheiro; este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução de dous ministros mortos, um fugido, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra” (cap. LX). Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o Conselheiro Aires a dizer que ela era “inexplicável”.

Para Alberto (2009) “as divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua” e os desentendimentos passam a ocorrer “em plena tribuna, depois que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro com novo juramento de amizade eterna, esse feito junto ao leito de morte da mãe agonizante (Natividade)”. Mas “como já acontecera na morte de Flora, a reconciliação era provisória, e duraria até pouco depois do enterro da mãe”.

Dessa forma, entende o autor que:

O foco narrativo é intrigante: apesar de o conselheiro Aires participar da narrativa como personagem, o livro não é narrado em primeira pessoa. O conselheiro Aires, a quem é atribuída sua autoria, apresentou a si mesmo como um “ele”. O romance é apresentado em terceira pessoa por narrador-observador, que faz interferências, citações, reflexões metalingüísticas, comentários com o leitor (a), intertextualidades bíblicas e literárias; Históricas e Mitológicas; comentários diversos sobre a política, economia.

Enfim, documenta o final do século XIX e a queda da monarquia e os primeiros anos da república velha. (ALBERTO, 2009).

Portanto, “Pedro e Paulo, protagonistas, são gêmeos idênticos, cujas personalidades são opostas praticamente em tudo: o único ponto em comum entre seus espíritos discordantes é a paixão por uma mesma mulher”, de modo que “a dualidade do livro está vinculada ao desempenho desses gêmeos” que, “filhos de Natividade e Santos, antes de nascerem já denunciavam uma insanável rivalidade”, de tal modo que “o narrador se refere a uma “briga uterina dos filhos”, a qual atravessando a história, nos últimos capítulos se converte numa “aversão recíproca, apenas disfarçada, apenas interrompida por algum motivo mais forte, mas persistente no sangue, como necessidade virtual”, ainda que “não se esqueceram dos pedidos da mãe, nem da ambição que ela tinha em vê-los grandes homens”. (ALBERTO, 2009).

Assim, verifica-se que “Conselheiro Aires é uma das faces do narrador e que sua figura é mais compreensível quando se analisam antes os personagens de composição mais simples”. “Cético e arredio, é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor (Conselheiro Aires, 1808)”. Anunciado como “velho diplomata de carreira, aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, conhecido pelo título e pela condecoração, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista”. Quanto a Flora, trata-se da “jovem amada pelos gêmeos, que, por sua vez, não consegue escolher um dos dois – a solução que ela parece buscar é uni-los num único ser”, o que “simboliza a eterna necessidade de opção que vai definindo cada ser humano em sua vida”. A morte da jovem “foi uma trégua rápida entre os dois irmãos”. E “Natividade, a mãe dos gêmeos, é vista como símbolo da maternidade que busca, inutilmente, conciliá-los, inclusive no leito de morte”. Outra personagem é o esposo de Natividade, o “banqueiro e barão Santos, simbolizado como o novo rico, aproveitador e empreendedor recém-saído do episódio do encilhamento”. (ALBERTO, 2009).

Observa-se ainda que “o tempo, na obra de ficção, é marcado pelo escoar do fluxo narrativo” e que “em Esaú e Jacó o tempo é cronológico e objetivo”, sendo que “a ação se passa no período da proclamação da República (1889)”. O espaço/ambiente é a “cidade do Rio de Janeiro: o centro (como Botafogo, por exemplo) e alguns bairros da periferia”, um “ambiente de classe média alta e

contatos com o ambiente dos arredores, como o Morro do Castelo”. Observa-se que “a noção de espaço quase sempre aparece correlacionada com a de outros elementos da narrativa, principalmente com a de ambiente e a de tempo”. (ALBERTO, 2009).

Segundo Ivani (professora do Colégio Singular, 2009) “publicado em 1904, *Esaú e Jacó* é o penúltimo romance de Machado de Assis” e “o título é extraído da Bíblia, com remissão ao Gênesis, mais especificamente à história de Rebeca, que privilegia o filho Jacó, em detrimento do outro filho, Esaú, fazendo-os inimigos irreconciliáveis”. No romance de Machado, “a inimizade dos gêmeos Pedro e Paulo não tem causa explícita, donde a denominação de romance “*Ab Ovo*” (desde o ovo)”. No mesmo entendimento de Alberto (2009), “é o romance da ambigüidade, narrado em 3ª pessoa, pelo Conselheiro Aires”. Pedro e Paulo seriam “os dois lados da verdade”. E seguem as observações de Ivani (2009):

Filhos gêmeos de Natividade e Agostinho Santos, à medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador - o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política - Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República quando decorre a ação do romance. Para apaziguar a discórdia fraterna, de nada valem os conselhos de Aires, amigo de Natividade, nem as previsões de discórdia e grandeza feitas por uma adivinha (A Cabocla do Castelo), quando os gêmeos tinham ainda um ano. Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum dos dois. Além disso, a moça é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias, levou o Conselheiro Aires a dizer que ela era “inexplicável”. O Conselheiro Aires é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista. As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. A morte da moça, porém, une temporariamente os gêmeos. Mais tarde, também a morte de Natividade cria uma trégua entre ambos, mas logo se lançam às velhas disputas. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois que ambos se elegeram deputados por dois partidos diferentes, absolutamente irreconciliáveis: cumpre-se, portanto, a previsão da adivinha: ambos seriam grandes, mas inimigos. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

Quanto ao seu momento histórico avalia a autora:

Cronologicamente, o livro *Esaú e Jacó* que surgiu nos fins do Realismo (1904), estando fora da fase áurea do Realismo brasileiro e da ficção machadiana (1880-1900). Isso quer dizer que se torna difícil enquadrar o

romance nos moldes realistas, como quer a crítica, ao situá-lo na segunda fase de Machado de Assis. Talvez mais correto fosse localizá-lo numa terceira fase. Além do mais, por essa época (1893), surgia um novo estilo - o Simbolismo, que, apesar de ser um movimento essencialmente poético, vai manifestar-se no livro de Machado de Assis. Não obstante, alguns aspectos do Realismo podem ser detectados:

1) Fidelidade na descrição de situações e personagens. A verdade dos fatos é uma das principais preocupações realistas. Ser fiel àquilo que descreve é uma norma que o escritor realista, tanto quanto possível, procura seguir. Ao se comparar o escritor realista com o romântico, vê-se que este se caracteriza pela fantasia, pela imaginação, pelo idealismo. O escritor realista é, mais ou menos, o oposto: encara a realidade direta e objetivamente e procura mostrar o que é, não o que deve ser, como os românticos. Em diversas passagens, Machado se preocupa com a verdade dos fatos, em ser fiel àquilo que narra, como é o caso desta passagem do Cap. V: Não me peças a causa de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, lacaio e libré. Há contradições explicáveis. Um bom autor, que inventasse a sua história, ou prezasse a lógica aparente dos acontecimentos, levaria o casal Santos a pé ou em caleça de praça ou de aluguel; mas eu, amigo, eu sei como as causas se passaram, e refiro-as tais quais. Quando muito, explico-as, com a condição de que tal costume não pegue. Quanto à autenticidade das personagens, é difícil perceber no livro, com exceção do Conselheiro Aires, que acaba ocupando o centro de toda a narrativa, como ressalta Massaud Moisés. Outras personagens, como Pedro, Paulo e Flora, lembram figuras românticas. Flora, por exemplo, é moça, virgem, e morre de doença estranha, mal de sentimento ou coisa parecida (Massaud Moisés).

2) Gosto pela análise. A análise é uma característica básica na ficção realista, principalmente a análise psicológica. O romance *Esaú e Jacó* atém-se à análise da complexidade dual do ser humano. Em inúmeras passagens encontra-se essa preocupação de analisar, onde Machado procura desvendar e esclarecer os segredos da alma humana, como é o caso do excerto abaixo, extraído do Cap. XCIII: Talvez a causa daquelas sínopes da conversação fosse a viagem que o espírito da moça fazia à casa da gente Santos. Uma das vezes, o espírito voltou para dizer estas palavras ao coração: Quem és tu, que não atas nem desatas? Melhor é que os deixes de vez. Não será difícil a ação, porque a lembrança de um acabará por destruir a de outro, e ambas se irão perder com o vento, que arrasta as folhas velhas e novas, além das partículas de cousas, tão leves e pequenas, que escapam ao olho humano. Anda, esquece-os: se os não podem esquecer, faze por não os ver mais; o tempo e a distância fará o resto.

3) Objetividade e impessoalidade. Não resta dúvida que essa é uma característica que reflete a época - época do cientificismo, da precisão, da observação. Ao contrário do Romantismo, no Realismo o escritor não interfere na conduta de suas personagens; tanto quanto possível, ele se afasta delas, desenvolvendo assim uma narrativa objetiva e impessoal. No romance em questão, é fácil perceber essa característica, embora o Conselheiro Aires tenha muito de Machado de Assis: é um homem cordato, grave, ponderado, equilibrado, inteligente como o próprio escritor. Mas o livro em si retrata uma situação que é vista e narrada por um observador que procura ser objetivo e impessoal, como se revela na passagem abaixo, do Cap. XLVIII: Ao cabo, não estou contando a minha vida, nem as minhas opiniões, nem nada que não seja das pessoas que entram no livro. Estas é que preciso por aqui integralmente com as suas virtudes e imperfeições, se as têm. Entende-se isto, sem ser preciso notá-lo, mas não se perde nada em repeti-lo.

4) Narrativa lenta e pormenorizada. Se a grande preocupação do escritor realista é com a análise, claro está que o seu processo narrativo será lento. Os pormenores, detalhes aparentemente dispensáveis, contribuem, por

outro lado, para o painel ou retrato da realidade que se quer expor. Em *Esaú e Jacó*, a narrativa está cheia de fatos e episódios que não fazem parte propriamente da história, o que retarda o desfecho: o processo é, pois, lento e pormenorizado. Como exemplo, veja-se esta passagem do Cap. XI: Perdoa estas minúcias. A ação podia ir sem elas, Mas eu quero que saibas que casa era, e que rua e, mais digo que ali havia uma espécie de clube...

5) Enfoque do tempo presente. O Realismo retrata a vida contemporânea. Enquanto o romântico se volta para o passado ou se projeta no futuro, através do sonho, da imaginação, da idealização, o realista se fixa no presente, porque o que lhe interessa é a vida que o rodeia. Nesse sentido, justifica-se a crítica, a sátira e a ironia, que se tornam armas com que os escritores realistas combatem as depravações morais da sociedade, da qual riem e escarnecem. Marca registrada de Machado de Assis, em *Esaú e Jacó*, abrande-se o tom irônico, não havendo tanta descrença e tanto niilismo como nas *Memórias* ou em *Quincas Borba*.

6) Aspectos simbolistas. O Simbolismo é um movimento essencialmente poético, o que não quer dizer que a prosa esteja totalmente excluída. Inaugurado, oficialmente, entre nós, em 1893, com o livro *Broquéis*, de Cruz e Sousa, o Simbolismo é um movimento literário que se fundamenta basicamente na linguagem figurada - no símbolo, como sugere a palavra. Com base nisso, depreende-se a busca do etéreo, do vago, da música, do mistério e do metafísico. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

Quanto à sua estrutura, a mesma se dá da seguinte forma:

1) Ação. “O núcleo central do romance gira em torno da rivalidade entre os dois gêmeos, sendo de fundamental importância aqui também a presença de Flora”. “Pedro e Paulo, os gêmeos, filhos de Natividade e Santos, nascem sob o signo de uma profecia: seriam rivais na vida, mas estavam fadados à grandeza: cousas futuras - como previu a cabocla do Castelo”. “Nascem e crescem sob o signo da rivalidade, tal como Esaú e Jacó ou os apóstolos Pedro e Paulo”. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

2) Lugar. “A história se desenvolve na cidade do Rio de Janeiro, com diversas referências a localidades ainda hoje existentes, como o Morro do Castelo (hoje Esplanada do Castelo), Botafogo, Andaraí e outras. Mais no fim do romance, a ação se desloca, durante algum tempo, para Petrópolis”. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

3) Tempo. “Embora Machado seja mestre no tempo psicológico, aqui a sequência dos fatos se revela essencialmente cronológica: inicia-se com a previsão da cabocla do Castelo, em 1871, indo até os primeiros anos da República (1889). Muitos fatos políticos que se situam nesse espaço de tempo merecem referências, como é o caso da Proclamação da República, que ocupa mais de dois capítulos do livro”. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

4) Personagens. “Com exceção do Conselheiro Aires, todas as personagens de Esaú e Jacó são fracas e estão muito longe da complexidade humana das grandes personagens machadianas”. “Todas elas, com exceção do Aires, repito, podem ser classificadas como planas, dada a fragilidade que encerram”. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

Dessa forma, “embora Esaú e Jacó apresente a juventude de Flora e dos gêmeos, além de outros, bem como a idade proecta do Aires, marcada pela serenidade e sabedoria, temas que podem ser estudados no livro, o núcleo principal do romance é a dualidade do ser humano”. “Ao abordá-lo, Machado de Assis faz um retrato do momento político brasileiro, em que o Brasil passa de Império a República, mudança que tem um tratamento irônico no livro”. Assim é que “Pedro e Paulo, como já ressaltado não são individualidades autônomas, não são pessoas físicas, mas símbolos, representação duma dualidade radical no homem, desde a criação”. Assim, “o drama, que constitui o caso psicológico e humano abordado no romance, resulta de serem os gêmeos dois e não um”. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

Prosegue-se, pois, o estudo, com a devida explicação:

Quer dizer, os dois gênios (Pedro e Paulo) que deveriam nascer em um, nascem em dois. Os dois aspectos que deviam estar numa só pessoa, como é normal, brotam em duas. Machado poderia muito bem pegar uma só pessoa e analisar-lhe essa complexidade dual. Não o fez. Preferiu isolar os dois componentes básicos do ser humano: coração (Paulo) e espírito (Pedro), para usar a nomenclatura de Flora. Isolados em dois, seria mais fácil a dissecação do ser humano, a análise da complexidade antitética do homem. É isso que Machado quer insinuar: todos nós temos dois gênios (=gêmeos) dentro de nós. Com outras palavras: todos nós temos um Pedro (espírito) e um Paulo (coração). Ora somos inquietos, como Paulo, ora dissimulados, como Pedro; ora republicanos (Paulo), ora conservadores (Pedro). Por isso mesmo é que Flora os confundia numa só pessoa: Pedro era o lado que faltava em Paulo, e Paulo era o lado que faltava em Pedro; um completava o outro, porque cada um deles não era uma pessoa completa: Flora sentiu a falta de Pedro, como sentira a de Paulo na ilha; tal era a semelhança das duas festas. Ambas traziam a ausência de um gêmeo. Também nesse sentido está aquele desenho de Flora, em que estavam desenhadas duas cabeças juntas e iguais, que o Aires identificou com os gêmeos, observando que as duas cabeças estavam ligadas por um vínculo escondido. (IVANI Apud COLÉGIO SINGULAR, 2009).

Já Cruz (2007) observa que “trata-se da história de dois irmãos gêmeos, Pedro e Paulo, que têm em comum apenas o fato de serem univitelinos, posto que se opõem em absolutamente todas as demais questões (na verdade, um é o contraditório do outro, o que por si só já daria outra análise)” e que “a única exceção

é a paixão que ambos nutrem por Flora, cujo amor disputam incessantemente até que ela vem a morrer, possivelmente em razão da disputa no centro da qual se encontra”, de modo que “nem a morte da amada, nem a da mãe (ocorrida pouco tempo depois da de Flora) são suficientes para fazer os dois irmãos se reconciliarem — e isso apesar da promessa feita à última quando ela estava à morte”. Verifica-se então que “o romance termina com os dois irmãos bem sucedidos socialmente, mas envolvidos em uma disputa sem fim, tal como previra uma vidente, a cabocla do Castelo, no início da trama”.

Desta forma, analisa o autor:

Uma primeira leitura talvez pudesse levar à conclusão de que se trata de um velho triângulo amoroso associado ao tema do duplo, tema não raro na literatura. Entendemos, porém, que as coisas se passam de modo outro e que o romance propõe uma discussão mais interessante, relacionada à interação entre o ser e o fazer, a qual se desenvolve em dois planos: em um deles, há o conflito dos dois gêmeos que se opõem principalmente em função dos investimentos modais que recebem. Em outro, a mesma dicotomia de modalidades se coloca, porém focada em um único ator com o qual os dois irmãos também se relacionam e que também vive seu dilema entre o ser e o fazer: o Brasil. Desse modo, uma possível leitura do romance se articularia em um jogo entre as modalidades veridictórias e as factivas ou entre permanência e mudança. A título de exemplo, recordemos a passagem em que os dois irmãos trocam suas posições políticas. Pedro, que sempre fora monarquista, de repente torna-se republicano, enquanto Paulo, que defendera o regime de governo implantado por Deodoro desde o seu nascimento e mesmo antes, agora passa a atacá-lo. Mudavam as opiniões, mas não as desavenças. Paulo é movido pelo fazer, pela inquietação, para usar os termos de Aires, pelo caminhar das coisas em direção umas às outras. Já em Pedro reside o espírito da conservação, pois sempre busca a manutenção de um mesmo estado de junção, portanto, o ser em detrimento do fazer. Aí está novamente o mesmo jogo: precipitar-se rumo ao seu destino (o fazer que move Paulo) ou manter tudo como está (o ser defendido por Pedro). (CRUZ, 2007).

Por fim, registre-se uma vez mais que “o título é extraído da Bíblia, remetendo-nos ao Gênesis: à história de Rebeca, que privilegia o filho Jacó, em detrimento do outro filho, Esaú, fazendo-os inimigos irreconciliáveis”. (COLÉGIO SINGULAR, 2009).

4. CONCLUSÃO

Diante de todo o exposto no presente trabalho, bem se observa que “a obra escrita por Machado de Assis centraliza a vida e as discórdias (brigas) dos gêmeos Pedro e Paulo que desde o útero materno até o fim da vida não conseguem estabelecer qualquer laço de amizade permanente” e que “com uma narração ambígua em 3ª pessoa pelo Conselheiro Aires (personagem da obra) o narrador coloca em diversos momentos suas opiniões utilizando-se da primeira pessoa”. Dessa forma, “o enredo não é o fator determinante para o desfecho da obra que é narrado através de um discurso livre recheado a todo instante de ambivalências, dando consciência (quando narrada em 3ª pessoa) e vida aos personagens e suas ações (quando narrado em 1ª pessoa)”, sendo que “a própria passagem dos personagens (história) preenche de sentido a narração exposta”. (SANTOS, 2008).

Assim, “o texto mostra como as relações de poder são quistas e exercidas pelos personagens, sendo essas relações o fio condutor de análise da obra”. Dessa forma “o que se percebe desde o início da obra e na continuidade de suas relações (considerando o papel e as ações de todos os principais personagens)”, de forma que “é a constante institucionalização das relações de poder, que procuram a cada trecho projetar os personagens a situações de destaque, força, conquista ou expressão singular de superioridade em cada contexto explorado pelo autor”. Portanto, “as infrutíferas tentativas de conquistar Flora, se justificavam porque não havia engajamento para as características pessoais, e sim mais uma disputa pelo próprio poder de conquista, projetado nas convicções e idéias de cada um”. Nesse sentido, “não que idéias políticas contrárias sejam malévolas, mas quando estas estão necessariamente ligadas à busca de poder, as discórdias deixam de ser democráticas para serem pessoais”. E então, “justifica-se isso quando ambos, contrariando seus estudos iniciais com potenciais carreiras jurídicas ou médicas, ingressam na Câmara dos Deputados, levando a disputa pelo poder entrelaçado em suas convicções, para outro patamar”. (SANTOS, 2008).

Portanto, “percebe-se que os ideais e principalmente as finalidades não direcionam a política estabelecida ao bem público ou qualquer coisa que o valha, mas sim a sempre persistência de buscar a consolidação da convicção individual pela expressão da conquista de poder”. Dessa forma, “mesmo a morte de Flora e o

pedido de Natividade que em seu leito de morte suplicou a amizade de ambos, não foram suficientes para que os gêmeos crivassem a pedra da amizade perpétua deixando de lado convicções e pensamentos particulares” e “embora a Cabocla houvesse dito a Natividade que seus filhos seriam grandes, e realmente foram, a ambição pelo poder impediu-os de evitar o que se anunciava desde o útero materno”. Nesse sentido, “somente a desistência por qualquer de uma das partes (qualquer um dos gêmeos) da busca pelo poder poderia impedir uma vida de discórdia e inimizade, e sendo a necessidade desta busca o elemento hereditário familiar vigente, o destino não poderia ser outro”. (SANTOS, 2008). Portanto, conclui-se com o entendimento de que *Esaú e Jacó* seja um clássico da última fase machadiana. Diversos estudos afirmaram que o livro chama a atenção para questões fundamentais ao estudo da Literatura, como a metalinguagem e a hipertextualidade, ponto forte em *Esaú e Jacó*, uma vez que esse recurso literário pode ser percebido em relação às narrativas mítico-grega, bíblica do Velho Testamento, bíblico-cristã (i.e. do Novo Testamento) e, ainda, a publicação contribui também para o entendimento de aspectos da história brasileira, especialmente da sociedade capitalista emergente no Brasil Imperial, na cidade do Rio de Janeiro e em seus arredores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, Jorge. ESAÚ E JACÓ - MACHADO DE ASSIS. Disponível em: <http://www.procampus.com.br/vestibular/resumos/uespi2009/ESA%C3%9A%20E%20JAC%C3%93%20-%20MACHADO%20DE%20ASSIS.pdf>. Acesso em Novembro de 2009.

AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. 6a ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Brasília: Editora UnB, 1996.

BINGEMER, Maria Clara Lucchett. Santidade e pecado em Machado de Assis, 2008. Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/16239>. Acesso em Novembro de 2009.

CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. MACHADO DE ASSIS, UM HEREGE NA RELIGIÃO DOS HERÓIS. Disponível em: http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/40_RaquelCampos_MachadoDeAssis.pdf. Acesso em Novembro de 2009.

CECATTO, Carolina. Ainda sobre Dom Casmurro. Disponível em: <http://movimentoculturalgaia.wordpress.com/tag/religiao/>. Acesso em Novembro de 2009.

COLÉGIO SINGULAR – (Professora Ivani) SANTO ANDRÉ. ESAÚ E JACÓ, Machado de Assis. Disponível em: <http://www.singularsantoandre.com.br/portal/emd/ar/professores/ivani/Esa%C3%BA%20e%20Jac%C3%B3.pdf>. Acesso em Novembro de 2009.

CRUZ, Dílson Ferreira. Esaú e Jacó ou o ser e o fazer - Estudos Semióticos - (2007). Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe3/2007-eSSe3.D.F.CRUZ.pdf>. Acesso em Novembro de 2009.

DAFLON, Claudete. A escrita rasurada: Machado de Assis e pensamento científico do século XIX. Disponível em: http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20escrita%20rasurada%20Machado%20de%20Assis%20e%20pensamento%20cient%C3%ADfico%20do%20s%C3%A9culo%20XIX.pdf. Acesso em Novembro de 2009.

LAGOEIRO, Eustáquio. Esaú e Jacó. Disponível em: <http://eduquenet.net/esaujaco.htm>. Acesso em Novembro de 2009.

MYTHO, James. A ópera dos deuses. Disponível em: <http://www.semreligiao.com.br/2008/07/10/a-opera-dos-deuses/#more-94>. Acesso em Novembro de 2009.

PIZA, Daniel. Machado de Assis e nós, 2008. Disponível em: http://blog.estadao.com.br/blog/piza/?title=machado_de_assis_e_nos&more=1&c=1&tb=1&pb=1. Acesso em Novembro de 2009.

PÓLVORA, Hélio. MACHADO DE ASSIS. Disponível em:
http://www.vidaslusofonas.pt/machado_de_assis.htm. Acesso em Novembro de 2009.

SANTOS, Leandro Martins. Esaú e Jacó de Machado de Assis. São Paulo, 2008.
Disponível em:
http://www.fespsp.org.br/web2/sociologia/trabs_tematicos/Trab_Tematico-Esau_e_Jaco-Leandro_Santos.pdf. Acesso em Novembro de 2009.

SOBRINHO, José Nami. Observações, divagações, religiosidades; Machado de Assis e outros gênios. Disponível em:
http://www.guata.com.br/Tirando%20de%20letra/B090515TL_Observacoes_divagacoes_Machado_Assis.doc. Acesso em Novembro de 2009.